



GT 66. Poder, diferença e transformação na África Contemporânea

Coordenador(es):

Melvina Afra Mendes de Araújo (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Paulo Ricardo Muller (UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul)

Os estudos africanos no Brasil vêm se consolidando a partir da organização de grupos de pesquisa, GTs em congressos de Ciências Sociais, Antropologia e História e seminários, assim como pela publicação de livros e dossiês em revistas sobre o tema. A Antropologia, de modo especial, vem se dedicando à compreensão de disputas em torno da construção social da contemporaneidade a partir da diversificação e complexificação de olhares sobre processos e narrativas constitutivas de diferentes contextos socioculturais africanos. Visando criar mais uma possibilidade de diálogo entre pesquisadores que se debruçam sobre temas concernentes ao continente africano, acolheremos trabalhos de viés etnográfico, teórico e/ou histórico que pensem questões referentes aos aspectos políticos, simbólicos e práticos que permeiam processos sociais e históricos de diferenciação e de articulação entre diferentes configurações de poder “tradicional” e estatal, colonial e pós-colonial, religioso e secular, institucional e informal, etc.

?Estar virando?: proposições etnográficas de variações da diferença em Cabo Verde.

Autoria: Natalia Velloso Santos (Consultoria)

Este work é fruto da pesquisa desenvolvida ao longo do doutorado em Antropologia, realizada a partir das experiências compartilhadas com os integrantes de uma associação comunitária, a Associação Pilorinhu (AP), situada na periferia da cidade da Praia, capital de Cabo Verde. O grupo surgiu em 2013 a partir da iniciativa de jovens moradores do bairro de ocupar o prédio de um antigo mercado abandonado e, desde então, cuida da manutenção do espaço e oferece diferentes cursos e atividades voltados principalmente para as crianças e outros jovens. As análises aqui apresentadas estão focadas nas reflexões dos integrantes da AP a partir de sua autoidentificação enquanto cabralistas e pan-africanistas. Uma perspectiva fundada na compreensão de que o projeto anticolonial iniciado pelos líderes das independências dos países africanos foi interrompido, seja pelo assassinato desses líderes, seja pela efetivação de um novo modelo de colonização (neocolonialismo). A busca pela conexão com o continente africano e com o pensamento de Amílcar Cabral é uma forma de dar continuidade à independência cabo-verdiana que, do ponto de vista de jovens moradores da periferia, ainda precisa se completar e corre o risco de retroceder. A proposta aqui é contrapor essas visões às teorias que reivindicam a noção de mestiçagem enquanto origem de uma singularidade da sociedade cabo-verdiana, tendo em vista a criação de uma unidade nacional. Como sugere o sociólogo cabo-verdiano Gabriel Fernandes (2002), o processo de construção de uma identidade individual e coletiva em Cabo Verde foi protagonizado pelas elites ou pelos grupos que aspiravam a ascensão social a partir do reconhecimento desta identidade. Segundo o autor, as diversas fases desse debate, desde os primeiros anos da colonização, sempre foram atravessadas por um processo por ele denominado de “diluição da África”. O ancoramento desse processo foi a narrativa da existência de um estatuto específico para os cabo-verdianos, fruto da ação do estado colonial que fomentava uma distinção em relação à população dos demais países africanos. A hipótese do work é que as formas de (re)conexão com a África colocados em prática pelos integrantes da AP parecem deixar de lado o paradigma da unidade de uma identidade fixa, associada às narrativas coloniais, para afirmarem processos de identificação mais próxima à lógica das variações, ou modulações. A expressão que dá título ao work é uma reflexão a partir deste tema. Pretende-se, portanto, através da contraposição entre as narrativas do campo intelectual e as teorias dos integrantes do grupo, pensar acerca de suas



contribuições sobre processos contemporâneos de identificação e diferença que se atravessam na sociedade cabo-verdiana.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: